

*Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain"*



*Ano 3 Edição N° 8
Setembro, 2012*

Editorial



Minhas queridas Irmãs e meus queridos Irmãos,

A **Convenção Nacional** da nossa Federação, que decorreu nos dias 30 de Junho e 01 de Julho de 2012, em Lisboa, foi pretexto para abordar a importância da – **Educação no Futuro da Humanidade** –, em geral, e na maçonaria como escola de instrução de Mulheres e de Homens melhores, em especial. Disso se dá conta neste Boletim.

Dá-se conta também de – **O Poder do Ritual** –, a síntese simbólica que tem suscitado interesse nas mais variadas Lojas Maçónicas, de que o Grande Oriente Lusitano é exemplo. Destaco a passagem do texto que, no meu entender, resume a importância

da sua leitura:

“Espera-se que um Ritual tenha efeito, seja este mais ou menos marcante e transformador no tempo; é o objectivo máximo na execução do mesmo. Todos os elementos que fazem parte do Ritual são úteis para o seu objectivo; preparação para aquisição de conhecimentos e modo de despertar aspectos da vida interior. A transformação é também um dos seus efeitos”.

Dirijo-vos o apelo que já deixei no Edição Especial do Boletim Informativo dedicada à XIV Convenção Internacional, editado quase em simultâneo a este, ou seja, **que estejam presentes no V Aniversário da Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain”, O Direito Humano, a ser comemorado no sábado, dia 08 de Dezembro de 2012.**

Espero que todas as Lojas estejam presentes e se façam representar pelo maior número possível de

membros porque, tal como no Ritual praticado nas Lojas, **a vossa presença nas nossas actividades** é importante para sentirmos os “(...) seus efeitos sobre nós mesmos e sobre os outros (...)”; e,

Porque, **como os Rituais, estas actividades são “(...) pontes para atingir os fins maçónicos, na ligação do Mundo visível ao Mundo invisível, ajudando a transformar o indivíduo e a sua realidade em redor (...)”.**

Recebam o meu forte TAF

Maria de Fátima Pires

Presidente do Conselho Nacional

da Federação Portuguesa da Ordem Maçónica

Mista Internacional “Le Droit Humain” – O Direito Humano.

Nesta Edição:

- ◆ Editorial
- ◆ V Convenção Nacional
- ◆ Síntese Simbólica Anual “O Poder do Ritual”
- ◆ Síntese Social Anual “A Importância da Educação no Futuro da Humanidade”
- ◆ Biografia do M.: Il.: Ir.: Henri Petit
- ◆ “Corto Maltese e a Fábula de Veneza”
- ◆ Do punho do Irmão...
- ◆ Poesia Iniciática
- ◆ Preceito Maçónico
- ◆ Ficha Técnica

Correio eletrónico:

dhpt@sapo.pt

Página na internet:

droit-humain.org/portugal

Página internacional:

droit-humain.org



V Convenção Nacional

Decorreu no término do passado Ano Maçónico de 2011-2012, nos dias 30 de Junho e 1 de Julho, a V Convenção Nacional da nossa Federação.

No dia 30 de Junho os Iir.: e Ira.: Deputados foram recebidos por volta das 10h, na sede da Federação Portuguesa, em Lisboa, de forma a integrarem os TTrab.: da Convenção. Foram recebidos pelo Conselho Nacional e pela M.: P.: G.: C.: da Federação Portuguesa, a M.: Il.: Ira.: Graça Gomes. Os Iir.: e Ira.: aproveitaram este momento para um convívio fraterno de reencontro. Foi distribuído a cada um dos Deputados um dossier referente a todos os assuntos a serem tratados nesta V Convenção.

Por volta das onze horas, procedeu-se à Abertura dos TTrab.: em grau de M.: pela M.: Resp.: Ira.: Fátima Pires, Presidente do Conselho Nacional. Após algumas palavras acerca da importância da realização de uma convenção como um momento especial de decisão e reflexão acerca do ano maçónico a iniciar,

a M.: R.: Ira.: Presidente do Conselho Nacional pediu aos Iir.: e Ira.: Deputados que reflectissem na sua escolha para Presidente da Convenção, dado este ser um cargo muito importante para o desenrolar dos TTrab.: . Após esta reflexão, seguiu-se a votação por escrutínio secreto para eleição do Presidente da Convenção. Foi eleito o Ir.: António Maurício. Após ter sido escolhido o Col.: de OOf.: para o ajudar a dirigir a Convenção, deu-se seguimento à Ord.: de TTrab.: previamente aprovada. Entre as 14 e as 15 horas e 30 suspenderam-se os TTrab.: para um almoço volante, na própria sede. Retomados os TTrab.: , decidiram-se os Temas Social e Simbólico a serem trabalhados no próximo ano maçónico. Como Tema Simbólico foi escolhido “A Corda e os Laços de Amor” e como Tema Social “O Estado Social e a Maçonaria”. Foram também definidos os Votos da Federação Portuguesa para o próximo ano maçónico; “Que a Maçonaria seja uma força capaz de consolidar o Amor” e “Que durante este

ano todas as Lojas da Federação Portuguesa tenham condições necessárias para adquirir Templos condignos para a realização dos seus Trabalhos”.

Os TTrab.: para este dia terminaram às 20 horas.



No dia 1 de Julho, por volta das 10 horas, procedeu-se à recepção dos Iir.: e Ira.: da Federação Portuguesa e dos Convidados das Obediências Amigas para a Sessão de Encerramento da V Convenção Nacional, em grau de Aprendiz.

Foram lidas as sínteses dos Temas Social e Simbólico trabalhados pelas RR.: LL.: no ano maçónico a terminar. A síntese do Tema Social, “A Importância da Educação no futuro da Humanidade”, foi apresentada pelo Deputado da R.: L.: “Estrela da Manhã” e a síntese do Tema Simbólico, “O Poder do Ritual”, pelo Deputado da R.: L.: “Liberalitas”.

Seguindo a Ord.: de TTrab.: , a M.: P.: G.: C.: procedeu à Instalação dos dois novos Conselheiros eleitos nesta Convenção. O encerramento dos TTrab.: , por volta das 13 horas, seguiu-se de um Porto de Honra. O Almoço de confraternização teve lugar no Hotel Mundial e foi seguido de uma Conferência Pública acerca do Tema Social trabalhado ao longo do ano maçónico 2011-2012.

A próxima Convenção Nacional ficou marcada para os dias 29 e 30 de Junho de 2013.

Hugo Gomes

Síntese Simbólica Anual - “O Poder do Ritual”

*“Os rituais exigem que se tenha fé neles
antes que se possa começar a compreendê-
los”*

Fernando Pessoa

Embora a Maçonaria tenha tido ao longo dos tempos muitas roupagens, Ela, em última análise, busca a Verdade. E recordemos que a Verdade mais profunda não possui qualquer imagem condicionadora... a Verdade é!

O Maçon tem contado, desde sempre como inimigos, entre muitos outros, o dogma, o preconceito, a hipocrisia e a mentira, os quais, unidos entre si, têm como resultado a destruição da Harmonia, da Paz e da Liberdade, na nossa Ordem em particular e na Sociedade das Nações em geral. Tendo consciência disto, resta-nos a nós, Maçons, não cairmos nas suas peias, não nos iludirmos com falsos brilhos, que afinal, estão dentro de nós próprios.

Para os vencer, o que será mais importante? A forma ou o conteúdo? O fenómeno ou a essência? A roupagem exterior ou o sentir que, transformado em acto de vontade, dá sentido ao gesto e à palavra, ao símbolo e ao cerimonial? Como encarar e como viver maçonicamente a dramatização do Ritual *in templu*.

O Ritual desempenha um papel tão importante na Maç.: que é este que permite ao Maçon fazer o seu percurso iniciático, sempre sob o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. É através da sua prática que o Profano deixa de o ser, integra o Templo e passa a ser um Ir.:; é através dele que o Maçon é o sujeito de transformações sucessivas ao longo do seu percurso.

Este ritual é, simultaneamente um ritual de Agregação e também um ritual de passagem. Agregação à Loja e passagem de um estado inferior de consciência a um estado superior, em que o Profano, agora tornado Maçon, toma consciência do caminho a percorrer. “O Homem que não atravessa o Universo das suas paixões também não as ultrapassa”, disse um dia Carl Jung, e será através da prática repetida do Ritual que o Maçon faz, primeiro o caminho de descida aos Infernos das suas paixões e, em seguida, depois de se ter confrontado com os seus inimigos escondidos e de os ter vencido, o percurso de regresso, desbastando todas as arestas, medindo, aparando e alisando a sua pedra, para poder juntar-se ao edifício que é a Maçonaria Universal.

Somos levados a pensar na etimologia sânscrita da palavra "ritual", que significa: "consistente com a ordem cósmica". É sagrado tudo o que integra e faz viver o Todo na parte, o infinito no finito, a ordem cósmica num ser particular. Assim, o ritual liga o indivíduo à sociedade e ao universo. Existe uma semelhança incrível entre o convite aberto e inovador do ritual e esta chamada para superar-se a si mesmo, esta busca do nosso verdadeiro ser para além do que somos, que pode ser considerada em nós a manifestação do divino. O ritual introduz o homem no campo da verdadeira espiritualidade.

O Ritual é simplesmente a maneira ordenada, uma espécie de procedimento padrão para impor ordem e disciplina aos trabalhos maçónicos. O Ritual indica ainda os ritos ou consigna as formas que se devem observar na prática de uma religião ou vivência iniciática, integrada num formalismo previamente estabelecido.

Síntese Simbólica Anual - “O Poder do Ritual”

Podemos distinguir principalmente três espécies de Ritos ou de cerimónias:

- os ritos de fecundidade, que asseguram o renascimento da Natureza;
- os ritos religiosos, que asseguram a manutenção do mundo e dos homens;
- os ritos iniciáticos, que asseguram a passagem da consciência humana do Profano ao Sagrado.

Assim, existem diferentes rituais, praticados por diferentes ritos maçónicos, mas, a base é sempre a mesma: os princípios fundamentais maçónicos e a inclusão de alegorias e referências simbólicas, como base para o trabalho individual de cada Maç.:.

Podemos distinguir três tipos diferentes de rituais numa Sess. :. Maç. :. :

- 1) Os Rituais de Abertura e Encerramento dos Trabalhos têm por função introduzir-nos no Templo, isto é, no Sagrado, e convidam-nos a tornarmo-nos nós próprios em Templos;
- 2) os Rituais de Iniciação propriamente ditos, ou seja, a entronização nos diferentes graus, que através dos seus simbolismos sucessivos, têm a função de incutir o sentido iniciático da vida;
- 3) quanto aos Rituais de Celebração dos Solstícios e Equinócios, ensinam-nos que esta demanda permanente e constante de inovação e transcendência se inscreve nos ritmos profundos da Natureza.

A existência do Ritual pretende reforçar laços sociais ou satisfação de necessidades espirituais pelo carácter de concordância entre todos que nele atuam.

A maçonaria tem pois um método de aperfeiçoamento moral, espiritual e ético dos seus membros com o recurso a símbolos e alegorias. Estes apresentam-se sob variadas formas. Cada Loja Maç. :. organiza o seu trabalho segundo um específico Ritual, uma particular forma de disposição dos elementos simbólicos em Loja, de sequência dos trabalhos, de evolução e apresentação das alegorias, das falas e respostas praticadas. Este método tem vários objectivos:

- O primeiro objectivo do Ritual é CONGREGAR. Congregar as vontades, a atenção, do grupo;
- O segundo objectivo é DEMARCAR. Demarcar a diferença entre o mundo profano e o espaço Maç. :. ;
- O terceiro objectivo é HARMONIZAR. Harmonizar a resposta psicológica e comportamental do grupo e de cada um dos elementos que o integram ao que se passa à sua volta;
- O quarto objectivo é IMPRIMIR. Imprimir, no espírito de cada um, pela repetição, as lições que traz em si;
- O quinto objectivo é ENSINAR. Ensinar as lições morais, comportamentais e éticas que o ritual contém.

Os Ritos são um conjunto de regras cerimoniais através das quais se transmitem vários instrumentos e ensinamentos esotéricos, toques e palavras, para a perfeita identificação e cultura maçónica, quando em reunião regular.

O Ritual é simplesmente a maneira como algumas coisas são feitas, uma espécie de procedimento padrão para impor ordem e disciplina aos trabalhos. O Ritual indica os ritos ou consigna as for-

Síntese Simbólica Anual - “O Poder do Ritual”

mas que se devem observar na prática de uma religião.

A função do Ritual é permitir a compreensão de certas Leis Naturais utilizando procedimentos dinâmicos que, pela sua constante repetição, acabam estimulando potencialidades latentes na nossa psique, despertando no nosso interior energias latentes, mas adormecidas.

O Ritual Maçónico tem como objectivo incitar-nos ao estado de partilha fraterna, que nos permite despertar para uma mudança permanente da mente e do coração. É a ligação entre o visível e o invisível, a ligação universal entre o microcosmo (homem) e o macrocosmo (o universo). Estabelece no homem uma nova natureza, introduzindo-o no campo da cultura e da espiritualidade, que é dizer a verdade do seu ser, remanescência de um sentido perdido, sempre possível de encontrar ou actualizar, fazendo uma nova leitura. A Maç.: usa um Ritual porque é um modo efectivo para ensinar ideias importantes. É muito rico e muito antigo, remontando aos primórdios da sua criação. Os maçons escolheram como símbolos fundamentais os símbolos da construção e do trabalho sobre a pedra, por um lado, e o do percurso do sol como caminho, por outro lado. Assim, os maçons não deixaram de manter alguns dos principais símbolos universais.

O poder simbólico do Ritual acontece então dentro de uma estrutura de acção ou acções que produzem a crença num conjunto de ideias e *modus vivendi* maçónico.

Assim o ritual, enquanto momento específico nas vidas de qualquer Maçon, não se reproduz apenas na construção desta crença, pela aprendizagem e evolução espiritual, mas pela legitimação das palavras daquele que as pronuncia. Esta legitimação não resulta na influência das palavras mas na forma transformada que acontece em campo. O nosso “campo” aqui será todo o conjunto de ideias ou atitudes resultantes da interacção entre os irmãos durante o ritual.

Através da repetição ritual, atenta e participante, damos um passo no sentido do nosso centro, que é o centro do grupo, que é o centro da Humanidade, da natureza, o sol central independentemente de o considerarmos ou não divino. Na Maçonaria chamamos-lhe o Grande Arquitecto do Universo, permitindo livremente várias concepções. Mas repetir sem consciência não conduz ao nosso desenvolvimento. O ritual só tem poder quando é consciente, quando lhe damos poder pois somos nós quem o detém. Ele tem a faculdade de despertar o nosso próprio poder interior. Se o fizermos em grupo potenciamos essa capacidade. Esse é o misterioso mecanismo pelo qual o poder resultante é maior que a soma dos poderes individuais.

Ainda assim, o poder simbólico não se limita a uma força imaginária mas na relação entre aqueles que realizam o ritual, e que por isso determinam a realização da cerimónia e os que lhe estão sujeitos.

É importante observar que o assunto primordial não é a Ordem Maç.:, este ou aquele Rito, ou aquele grupo de estudos, mas sim a verdade que ela representa, e a capacidade do M.: em distinguir entre a Verdade e a Ilusão. Do profano que ingressa na Ordem, depois de se tornar um M.:, é esperada uma mudança no nível da consciência, no seu modo de encarar e actuar na vida, mudança essa que se espera seja o resultado da vivência do Ritual, levando-o a uma interiorização e não a uma simples aceitação plena e tácita do que apreendeu.

Olhemos o rico simbolismo do Ritual de Iniciação quando o neófito anseia pela Luz e esta lhe

Síntese Simbólica Anual - “O Poder do Ritual”

é finalmente concedida – isto é, lhe é concedida a referida chave, para que ele, através do seu próprio mérito, do seu próprio trabalho, afeiçoando a pedra bruta do seu ser, consiga o insight interior, a mutação qualitativa que o faça compreender o que é essa Luz e para que realmente serve... sem se ofuscar, sem se queimar com a sua intensidade e pureza.

No Ritual Maç.:, do momento da Abertura até ao Encerramento, instaura-se uma nova realidade, qualitativamente diferente do mundo profano assim como um tempo também diverso.

Em primeiro lugar, o momento do Acender de Luzes remete-nos para a importância da iluminação enquanto gnose. *A luz representa aqui o esclarecimento, a vontade de caminhar em direcção ao verdadeiro saber.*

Continua-se, na Abertura dos Trabalhos, pela verificação da Cobertura da Loja; reconhece-se, seguidamente, a mesma qualidade a todos os membros presentes – pela assumpção do arquétipo do Irmão; determina-se a orientação no espaço – através dos pontos cardiais assinalados pelos lugares ocupados pelo V.:M.: e os OfOf.:; e cria-se um Tempo - do meio-dia, à meia-noite.

Deste modo se constrói o Templo que pretende ser a constituição da Ordem a partir do Caos, revivendo, deste modo, o ato da criação. O empenho colectivo e, conseqüentemente, a energia criada em conjunto serão determinantes para a qualidade do trabalho da loja

Esta concepção da criação do mundo constitui, no plano esotérico, a base da elaboração do ritual, a forma que possibilita regenerar permanentemente o mundo a partir da sua origem. As coisas criadas não saíram do nada pois tudo existe desde sempre em estado latente.

Construir o Templo é pois um ato de criação, não uma acção de celebração, menos ainda uma encenação ou um ato mecânico. A diferença consiste na forma de participação, que, no primeiro caso é activa. Construir é reunir segundo uma ordem que pressupõe Sabedoria, Força e Harmonia.

É esta acção consciente e criadora que vai captar a Luz e fazê-la brilhar no Templo a qual se transformará no canal em que circulam a Força que nos assiste e a Harmonia que nos habita.

A relação entre o Ritual e a Luz é a de um ato de captação que tornará tangível o invisível e o indizível. Trabalhando o ritual como construtores agimos sobre a vida como criadores rigorosos que iniciaram uma viagem permanente em que cada passo traça um caminho novo, em que cada experiência da Luz faz brotar em nós a força da regeneração que nos transmite energia.

Quem a executa deve, na função que exerce, ser consubstancial à energia primordial. O que implica passar previamente por uma purificação. Como afirma Doignon, esta purificação, mais do que uma limpeza ou desembaraçar das próprias “manchas”, assemelha-se antes à preparação da terra para receber a semente, isto é, *“à construção em si próprio de um lugar de transparência e limpidez, um momento de silêncio no interior de si próprio”* que prepare a presença do mistério. Por isso não é o indivíduo que deve penetrar no Templo, mas o Irmão. Antes mesmo da entrada neste, não é por acaso que o M.: de Cer.: diz: *“Silêncio meus II.: e minhas IIa.:, vamos dar entrada no Templo”*. Começa aqui todo o processo de purificação que continuará no interior daquele e culminará com as palavras do Ven.: M.: *“Tomai os vossos lugares”*, ou seja, as vossas funções.

Partindo dos primitivos rituais ingleses, ao longo do tempo e do espaço, novos rituais foram criados em Maç.:. A base é sempre a mesma: os princípios fundamentais Maçónicos e a inclusão de

Síntese Simbólica Anual - “O Poder do Ritual”

alegorias e referências simbólicas, como base para o trabalho individual de cada M.:. A tensão inicial também, curiosamente, persiste: uns rituais são claramente deístas e inclusivos de elementos de todas as religiões e até sem religião definida, desde que crentes num Criador; outros sofrem manifestamente de visíveis influências Crísticas, sendo claramente mais confortáveis para os praticantes da tradição religiosa Cristã.

Mas, afinal qual o Poder do Ritual, para o mesmo ser utilizado em tantas situações e tão diversas? Apontaremos 7 tópicos que ajudarão a responder a esta questão.

1. A ordem;
2. O posicionamento;
3. A re-criação;
4. A transformação;
5. A perfeição;
6. O hábito;
7. O efeito

1. A ordem – Um Ritual tem de ter uma estrutura coerente e estar enquadrado num determinado Rito ou corpo estrutural; ser estável, ordenado e imutável, são condições para que a sua execução, aliada à repetição sistemática, crie condições para a sua aprendizagem e execução natural;

2. O posicionamento – A execução do ritual pode ter que levar em atenção determinadas posições, orientações e contexto, para atingir determinados propósitos, sejam estes de carácter pessoal, religioso ou místico;

3. A re-criação – Um ritual tem algo de recriação teatral, no sentido de uma representação com um objectivo maior. Parafraseando Alejandro Jodorowsky, “*O teatro é uma força mágica, uma experiência pessoal e intransmissível. Pertence a toda a gente. Basta que te decidas a actuar de maneira diferente da quotidiana, para que essa força transforme a tua vida*”. Esta definição de teatro, poderia ser adaptada ao Ritual. Num ritual grupal ou colectivo, a participação de vários intervenientes, cada um com o seu papel, tem como objectivo recriar situações para atingir um determinado objectivo, integrado num determinado Rito;

4. A transformação – A finalidade de um Ritual é ajudar a transformar o(s) participante(s) num determinado contexto, aliado ao enquadramento com que é realizado, para um determinado fim; aqui, aparecem factores auxiliares, como local, música, vestes e cânticos, criando uma atmosfera própria a clamar a transcendência do individuo e/ou do grupo em causa, assim como o chamamento ou a criação de condições para que determinadas forças/energias se possam expressar no meio onde o ritual é realizado;

5. A perfeição – A repetição é um dos factores essenciais de êxito de um Ritual, aliado ao treino e compreensão das suas etapas; o objectivo é atingir um nível perfeito na sua execução para que o Ritual possa exercer o poder para o qual foi criado; a sintonia entre os vários participantes, seja física, mental ou espiritual, é essencial para atingir os objectivos ritualísticos.

6. O hábito – A normalidade de execução ajuda a melhorar a eficácia do ritual; a regra normal é *fazer, fazer e fazer* até ser possível executá-lo de forma automática, nunca esquecendo o seu objetivo,

Síntese Simbólica Anual - “O Poder do Ritual”

mensagem e a razão da sua criação. O esforço aliado à vontade de realizar o ritual bem feito, cria condições para a sua compreensão e vivência.

7. O efeito – Espera-se que um Ritual tenha efeito, seja este mais ou menos marcante e transformador no tempo; é o objectivo máximo na execução do mesmo. Todos os elementos que fazem parte do Ritual são úteis para o seu objectivo; preparação para aquisição de conhecimentos e modo de despertar aspectos da vida interior. A transformação é também um dos seus efeitos.

Por isso, o ritual é repetido, incessantemente, reunião após reunião, implantando nos elementos da Loja os objectivos a que se propõe. Os obreiros mais experientes, sem sequer terem a necessidade de efectuar qualquer esforço para tal, acabam por memorizar o Ritual, notando quaisquer falhas que porventura ocorram e que podem quebrar a harmonia que deve reinar e até então construída.

Assim, o Ritual não poderá ser transformado em letra morta, num repetir enfadado de fórmulas gastas e sem sentido, decoradas, recitadas... Mas, cada qual e segundo as suas capacidades e necessidades, conseguirá exigir de si próprio o acorde mágico que o sintonize com a Realidade Maçónica Inefável da Vida.

Quando a prática do Ritual apresenta falhas muitas podem ser as suas causas: a deficiente preparação, a falta de estudo e de compreensão dos símbolos e do Rito, a falta de interesse na sua execução, o cansaço ou a mera distração... Todas estas situações provocam em cada um dos Iir.: um desvio da atenção, uma quebra na concentração, uma diminuição da harmonia, quebrando o silêncio interior necessário, quer ao trabalho sobre si mesmo quer à receptividade da energia que flui no templo.

No entanto, os efeitos podem ser diversos em situações diversas. Se um dos Iir.: se engana na prática do Ritual e nos apercebemos que foi mera distração provocada por cansaço, teremos tendência a identificarmo-nos com a situação e a unirmo-nos mais fortemente para ajudar o Ir.: a ajudar a ultrapassar a sua dificuldade, reforçando a Egrégora. Mas, se sentimos que há desinteresse, falta de estudo ou falta de prática, porque as ausências se vêm somando sem que haja razões que nós consideremos suficientemente válidas para tal por ex., ficaremos irritados, com pensamentos inferiores e a energia que colocávamos até aí na prática do Ritual e na partilha com os Iir.: é perturbada, diminuindo. A Egrégora é perturbada, a energia deixa de fluir de forma harmoniosa e o grupo perde coesão. O Ir.: ou a Ir^a., mesmo que inconscientemente, é responsabilizado pela perturbação e o grupo deixa de estar harmoniosamente integrado.

Todos nós aquando da nossa iniciação ou de passagens vemos determinados símbolos que num determinado momento nada nos dizem mas que com o estudo do grau ou dos símbolos maçónicos passam a ser nossos, nós passamos a interiorizar os mesmos.

“Bate e a porta ser-te-á aberta, pede e obterás, busca e encontrarás.”

Se percebermos bem o Ritual através do estudo profundo da simbólica e da execução, através da sua vivência em Loja, da sua prática, do reconhecimento dos seus efeitos sobre nós mesmos e sobre os outros, o saber fazer, surgirá também em nós. Para tal é fundamental o estudo, a assiduidade às Sessões, a relação fraterna com os Iir.: e as Ira.:; o Ritual será então cada vez mais interiorizado, melhor executado por todos, contribuindo para que o caminho de cada um de nós seja cada vez mais aperfeiçoado

Síntese Social Anual - “*A Importância da Educação no Futuro da Humanidade*”

Em qualquer caso, é importante que os Maçons estejam convencidos de que a realização dos ritos não os afasta das suas tarefas e do seu desejo exotérico para o progresso, por se entregarem a uma repetição estéril do passado. Pelo contrário, ao emanarem o sentido de que são portadores, e tendo plena consciência do espírito que os anima, compreenderão as razões das suas ações, e receberão a partir desta compreensão, a energia extra na realização dos seus deveres como homens.

No interior da barca da Maç.: viajamos através da metáfora e da poesia, através de uma rede de significados e de significantes que vamos verbalizando, a que vamos dando forma, pela palavra, pelos gesto e pelo sentimento.

A palavra ritual, no fundo não tem forma cristalizada, antes remete para uma linguagem única e universal que cada Ir.: ou Ira.:, no ato de escutar, no ato autêntico e criador da atenção ritualística, transforma em vivência e em Amor.

Nada de bom se faz sem amor e ninguém poderá viver ou criar se não for amado. Ora, os viajantes que, etapa após etapa, peregrinam juntos, partilham uma vivência que os une. Os bens fraternais procurados por estas experiências «sobre o caminho» tornam-se muitas vezes, e felizmente, mais sólidos que os laços convencionais previstos pelas instituições da cidade. A grande família espiritual dos viajantes do infinito está soldada por tudo quanto ela tem vivido e vive, certamente, mas também e ainda mais por tudo quanto ela aspira e espera.

Ela é rica por tudo quanto falta para descobrir e para dizer.”

Em Maç.: não podemos perder a importância das lendas, dos símbolos, dos sinais e das palavras, muito menos a prática dos rituais, considerados como disciplina e ordem, pois são muito importantes como pontes que representam, para atingir os fins Maçónicos, na ligação do Mundo visível ao Mundo invisível, ajudando a transformar o indivíduo e a sua realidade em redor. Eis o Poder do Ritual em toda a sua plenitude.

R.:L.: *Liberalitas*

Síntese Social Anual - “A Importância da Educação no Futuro da Humanidade”

“Sou maçom aprendiz, aluno de uma escola de cidadania, aprendo a questionar e a observar. E observo que a educação é uma poderosa e universal ferramenta de desenvolvimento da civilização, da democracia e da vida em sociedade. Um símbolo de poder, de autoridade e de legitimação da ideia primordial da construção da cidade, da coisa pública, do próprio Universo.”

Podemos considerar a Maçonaria como uma escola onde se educa e instrui já que se procura transformar o cidadão que bate à porta de um templo maçónico num homem melhor, verdadeiro construtor social.

As antigas escolas iniciáticas eram as “instrutoras” no saber pois eram elas que iniciavam os neófitos nos conhecimentos de matemática, música e astronomia, consideradas como a base de todas as artes e ciências. Os neófitos passavam a ser os eternos aprendizes, pois, tal como hoje, sabiam que o estudar e aprender seria para o resto da vida. Neste sentido, a Maçonaria, cumprindo a sua missão de progresso e de liberdade, ajudou a impelir as revoluções de 1789, 1848 e 1870, em França, e as do combate contra o despotismo miguelista, as revoluções de 1846 e de 1910, em Portugal, revoluções que tiveram por base não uma luta de classe contra classe, mas a tentativa de implementação de uma racionalidade e de uma harmonia entre ciência e religião, à luz dos princípios já enunciados de justiça, liberdade, igualdade e fraternidade. Nesta escola aprende-se a saber o que é Força, Humildade, Sabedoria e Tolerância, e a sua grande importância para que se viva em Amor. Nesta escola pretende-se a evolução da consciência e que, pelo efeito de contágio, se forme a consciência do povo, para que seja ela a diferenciar países pobres de ricos, e não o poder consumista, ou o número de fortunas imensas. Só assim, desde a mais tenra idade, estamos preparando cidadãos que se adequem à sociedade a que pertencem, contribuam para que ela seja cada vez mais livre, mais activa e participante na família, no trabalho e na vida cultural e política. Uma sociedade capaz de lutar pelos valores da democracia, respeitadora da diferença, pela tolerância e pela fraternidade, até porque a igualdade não existe: todos somos diferentes, mas é no somatório das diferenças que resulta a construção de um todo mais harmonioso e feliz. As pedras que constituem uma construção são todas diferentes mas fazem parte e fazem falta à obra.

A importância da Educação é essencial ao futuro da Humanidade porque, sem Ensino/Educação/Aprendizagem, e sem a transmissão de conhecimentos de cada geração à seguinte, a Humanidade deixaria de o ser, e perderia unidade e continuidade cultural, estando comprovado historicamente que, tanto a transmissão incorrecta de conhecimentos, como a transmissão de conhecimentos incorrectos, leva grupos sociais e mesmo civilizações inteiras ao abismo e à extinção.

O Dicionário Ilustrado da Lello Editores (1977) dá-nos de uma forma muito eficaz, as definições de ensinar, educar e instruir. Parecendo à primeira vista quererem dizer o mesmo, estas apresentam algumas nuances, entroncando, no entanto, todas elas, umas nas outras. Educar, ensinar, instruir, desenvolver as faculdades físicas, morais e intelectuais apontar o caminho, transmitir conhecimentos. Analisemos então como se processa cada um dos três tipos de aprendizagem, sem esquecer que a Consciência do Indivíduo é prioritariamente focalizada em diferentes planos existenciais e respectivos corpos:- Na Instrução, como aprendizagem de motricidade, fina ou não, e implicando repetição, a Consciência do Indivíduo foca-se no seu corpo físico, especialmente nos seus membros, expressão da Vontade Divina no dito corpo, e no que o rodeia, o plano material/físico;- Na Educação, com a sua

Síntese Social Anual - “*A Importância da Educação no Futuro da Humanidade*”

capacidade de absorção, a Consciência do Indivíduo foca-se notoriamente no plano emocional ou astral, com fortes influências institucionais; trata-se do plano da Actividade Divina, cuja expressão no corpo físico se encontra nos órgãos dos sentidos - No Ensino, como aprendizagem e armazenamento de conhecimentos, a Consciência do Indivíduo foca-se no seu corpo mental, veículo do plano electro-magnético mental, plano da Sabedoria Divina, cuja expressão no corpo físico se encontra nos hemisférios cerebrais.

Nesse caso, também nos corpos densos de cada Indivíduo, de cada Ser Humano, encontramos não só expressas mas também impressas, as três qualidades essenciais do G.:A.:D.:U.: que, na Loja, são representadas pelas colunas simbólicas Força/Vontade, Beleza/Actividade/Amor, e Sabedoria/Pensamento Divino/Ideação. Temos pois de considerá-las como símbolos e elementos de estudo, com diferentes interpretações, que se vão abrindo em espiral conforme as formas aprofundando, o que nos leva de volta à aprendizagem, que começa por ser a nossa própria, feita com afincos e persistência, e nunca termina nem em nós, nem nos que nos rodeiam. A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estrutura interna e desenvolvimento. Daí a necessidade de todos e cada um contribuírem para que a sociedade se mobilize, criando novas iniciativas e abordagens, que não visem apenas a sobrevivência das crianças mas o seu integral desenvolvimento, onde se inclui a educação, os valores sociais e morais, porque elas serão os agentes de mudança e guardiães da humanidade. Se a instrução tem sido um meio para esbater a desigualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, ainda há um longo caminho a percorrer até que se transforme em verdadeira *educação* isto é, mudança de mentalidades a partir das gerações mais jovens. Consequentemente todos os princípios da Educação deveriam alicerçar-se sobre a Tolerância, a Igualdade e a Fraternidade, e em vez de procurarmos diferenças para discriminar, deveríamos exercer uma permanente reflexão e tolerância sobre elas, porque o que um dia parece inadequado, noutro é perfeito. A Educação não é somente na escola, não reside somente nos pais, mas em tudo e em todos; sem nunca esquecer que devemos respeitar as diferenças e aptidões próprias de cada indivíduo que, como uma pedra, irá contribuir com a sua singularidade para a construção desta fabulosa Catedral que é a Humanidade.

A Educação é fundamental na vida de todas as pessoas, independentemente dos percursos escolhidos por cada uma a nível pessoal, académico e profissional. A sociedade actual é pautada por alterações sofridas nos últimos anos, a nível político, social, cultural e económico, que a levou à chamada “globalização”. Estas mudanças originaram novas exigências e necessidades, muito rápidas, nos cidadãos, nas suas mentalidades e nos seus hábitos; mas também dificultaram a adaptação da sociedade às novas realidades, como por exemplo, na troca de informação e de conhecimento que ocorre a uma velocidade e escala jamais experimentada pela Humanidade. Neste contexto, a aprendizagem cultural não é favorecida, porque contrariamente ao que acontecia no passado, em que aquilo que se sabia era suficiente, actualmente, os problemas causados pelas consequências da globalização tornam este tipo de saber constantemente desactualizado, devido ao ritmo das mudanças que não pára de crescer, diminuindo de forma drástica o tempo útil de resposta.

A Educação limitada no tempo está portanto condenada, pois existe a necessidade de uma Educação permanente, para que as pessoas tenham a possibilidade de actualizar os seus conhecimentos, ao longo da vida. O surgimento da democracia e da industrialização transformaram a sociedade, se, por um lado a qualidade de vida melhorou, por outro, criou alterações na estrutura e nas dimensões de

Síntese Social Anual - “*A Importância da Educação no Futuro da Humanidade*”

convivência familiares, um dos maiores problemas consiste no retirar de tempo às famílias, fazendo com que os pais tenham cada vez mais dificuldade em conciliar a vida familiar e a vida profissional, reduzindo o tempo disponível para os seus filhos, nomeadamente no acompanhamento da sua vida Escolar. É portanto, inevitável a criação de meios/estruturas sociais e educativos, para colmatar a ausência dos pais, ocupar as crianças de forma educativa, evitar comportamentos de risco e apoiar os alunos nas suas aprendizagens. A “Educação das massas” e outros factores tais como a migração para as cidades, o trabalho feminino fora de casa, a revolução industrial e tecnológica também contribuíram para que a Educação se tornasse numa aprendizagem formal, exterior à família. Neste tipo de Educação, as práticas e os resultados são medidos mais de forma quantificável, do que qualitativa. Assiste-se a uma preparação de futuros profissionais especializados, mas desligados do meio que os rodeia, em que já o médico e pedagogo Abel Salazar afirmava que “aquele que só sabe medicina, nem medicina sabe”.

O futuro da Humanidade depende da *educação* e parafraseando Aristóteles “*onde se descuida a Educação, o Estado sofre um golpe nocivo*”. E não será o descuido observado na *educação* actual uma das razões da debilidade social, política e económica em que emerge o séc. XXI? Esta manifestação de plena hegemonia económica e falência dos valores e direitos humanos! É prioritário melhorar o sistema de *educação*, assim como torná-lo acessível a todos; só um ensino humanizado, exigente, fraterno, consciente e seguro, poderá conduzir a uma sociedade equilibrada e dinâmica, em que todos os cidadãos são livres e autónomos, plenamente capacitados para uma gestão consciente de decisões. A Democracia só se torna verdadeiramente real com uma cidadania assumida, e esta, por sua vez, só resulta de um processo maturo de *educação* consciente. Há pois ainda muito trabalho a fazer, muita pedra a partir!

Kant referiu que “o homem só consegue ser homem através da educação.”. Estamos, portanto, diante de uma arte em permanente aperfeiçoamento, ao longo das várias gerações. Assim, é o presente e o futuro que estão em causa. Não se trata de uma adaptação ao mundo actual, mas de procurar antecipar – ainda que não possamos conhecer precisamente o que nos é reservado pelo futuro, cheio de dúvidas, incertezas e de contingências. É necessário ensinar as crianças e jovens sobre o que é o mundo, despertar as suas consciências, em lugar de lhes fornecermos uma chave para abrir a “arte de viver”. A tarefa da educação em geral e da escola, em particular, é conhecer, compreender, aprender o respeito mútuo e a responsabilidade, cultivar o método, a experiência, o rigor científico, o espírito crítico e a capacidade de trabalho. Assim se desenvolve uma educação ativa, pela qual se pratica a “disciplina da liberdade”.

R.:L.: *Estrela da Manhã*

Henri Petit (1868 - 1955)

Henri Petit foi iniciado em 1895 na Loja “Les Vrais Experts” do Grande Oriente de França e, desde logo, seguiu os trabalhos da Ordem Mista “O Direito Humano”.

Toda a sua vida será um combate em volta da questão feminina e a favor da república, da laicidade e da justiça social.

Nas Convenções do Grande Oriente de França, tornou-se o defensor da causa de “O Direito Humano”, ao qual se afilia, na Loja “Guépin”, nº 32, em Nantes.

Foi um dos que, em 1900, conseguiram que o Grande Oriente de França aceitasse discutir a admissão de mulheres em Maçonaria, o que permitiu em 1921 a assinatura de um convénio que iniciará as relações entre o Grande Oriente de França e “O Direito Humano”.

Eleito para o Conselho Nacional da Federação Francesa, tornou-se seu Presidente em 1928.

Foi o Grão-Mestre, o Muito Ilustre Irmão Eugène Piron, que lhe conferiu o 33º grau e, em 1934, sucedeu ao Muito Ilustre Irmão Lucien Levi na direcção da Ordem.

Pelas suas numerosas actividades, pelas suas deslocações e pelo respeito que lhe demonstrava o Grande Oriente de França, Henri Petit contribuiu para o incremento da influência de “O Direito Humano”.

Em 1940, pela perseguição iniciada à Maçonaria pelo regime de Vichy e seus aliados nazis, o Grão-Mestre, tal como os restantes Maçons, será vítima de perseguições. Após a libertação, será um dos primeiros a encontrar-se num templo vazio e com os arquivos dispersos. Graças às suas numerosas relações, e utilizando a ameaça ou a persuasão, segundo o caso, não parou até encontrar os espoliadores dos bens Maçónicos. Foi ele quem, em 1951, possibilitou que se fixasse uma indemnização como compensação pelas espoliações sofridas.

Em 1947, traído pelas suas forças, não renovou o seu mandato sendo, nesse mesmo ano, nomeado Grão-Mestre de Honra.

Em 21 de Janeiro de 1955 partiu para a Grande Loja Eterna.



Corto Maltese, Uma Aventura em Veneza

Quando pensamos em Arte Maçónica vêm-nos de imediato à memória compositores como W. A. Mozart, ou escritores como Goethe ou Kipling, no entanto, a Maçonaria tem no seu seio uma enorme diversidade.

Uma arte por vezes entendida como menor, a banda desenhada, usa uma linguagem que conjuga a palavra e a imagem à semelhança de outras artes, como o cinema ou a ópera. Autores como Hugo Pratt recriam nas suas histórias mitos eternos, em páginas repletas de silêncios e de diálogos em constante contraponto. Como afirma Pratt, o desenho é o meio utilizado pelos desenhadores quando se sentem incapazes de exprimir de outras formas o que necessitam comunicar, passando as suas reflexões e emoções a um personagem imaginário.



Hugo Pratt, italiano nascido em Rimini em 15 de Junho de 1927, passou a sua adolescência em Veneza, cidade a que permanecerá fiel apesar de ter corrido o mundo e ter vivido em lugares tão díspares como a Etiópia e a América do Sul. Em 1959 estreou-se como autor completo tendo assumido a sua identidade de escritor, assinando o desenho e a história. Em 1962 regressa a Itália e é lá que Corto Maltese, o seu alter ego, aparece pela primeira vez. Foi este um percurso que levou Hugo Pratt a seguir nas pisadas de outros escritores como Conrad, ou Dumas e a criar histórias que fariam sonhar várias gerações num estilo que Pratt denominava como “literatura desenhada” e que ajudou a mudar a percepção sobre esta arte.

Hugo Pratt foi iniciado na Franco-Maçonaria em 1987 na Loja Hermes de Veneza, na qual permaneceu durante os últimos anos da sua vida até passar ao Oriente Eterno em 20 de Agosto de 1995. Esta torna-se mesmo um dos personagens do seu livro “Fábula de Veneza”.

Quando foi iniciado teve a oportunidade de corrigir um acto praticado pelo seu pai em 1924. Pierre Millier, responsável do Museu da Franco-Maçonaria do Grande Oriente de França, referiu que em 19 de Novembro de 1976, a Loja Hermes é surpreendida pela entrega feita pelo Irmão Aprendiz recentemente iniciado, da espada flamejante que havia sido levada pelo seu pai, aquando do saque da Loja de Veneza feito pelas milícias de Mussolini em 1924.



A aventura de Corto Maltese no livro *Fábula de Veneza* tem como mote a busca de um objecto, a “Clavícula de Salomão”, objecto iniciático por excelência, e que neste caso se reveste na forma de uma esmeralda. A acção tem lugar na Veneza dos anos 20, durante a ascensão de Mussolini e envolve a luta pela libertação do jugo dos Camisas Negras, grupo paramilitar organizado por Mussolini. Durante a fuga de Corto Maltese às milícias,

este cai no seio de uma Loja Maçónica em plena sessão, sendo este, apesar de profano, objecto da maior fraternidade ao ser ajudado, quer na sua busca da liberdade, quer na procura da pedra. Durante a sua gesta o herói encontra-se com personagens como Hipázia, personagem que recria a figura da primeira mulher matemática de que há registos fiáveis, Hipátia de Alexandria e de seu pai, Téon, hermetista, os quais, enquanto personagens históricos, foram os responsáveis pela Escola Neo-Platónica de Alexandria nos séculos IV e V da nossa era vulgar.

A leitura de *Fábula em Veneza* confronta-nos com a revelação de segredos Maçónicos, com Rituais reconhecíveis e com valores que sentimos serem os nossos. Encontramo-nos em meio conhecido, reconhecemos em Hugo Pratt um Irmão e sentimos que *tudo está certo e perfeito*.



Do punho do Irmão... A.A.F.

O silêncio

“Sou tão partidário da disciplina do silêncio que poderia falar horas inteiras sobre ele” como diz George Bernard Shaw ou ... não dizer nada.

É no silêncio que o aprendiz de M.º faz a sua primeira caminhada na L.º após a sua iniciação.

Observa, estuda e aprende.

O seu diálogo é interior. É consigo próprio; como diz Cesário Verde:

*"Pela noite dentro, a boras mortas
quando não se ouve pio ou voz
fecho os livros fecho as portas
para falar contigo a sós."*

Eu acrescentaria contigo ou comigo.

Obrigado.

Pelo tempo do silêncio!

Por puder estar comigo e falar comigo;

Por não ser perturbado com o ruído da conversa;

Por não ser perturbado pelo ruído dos pensamentos.

Grato silêncio em que medito

Em que passo pela vida

Em que me uno à vida

Em que apenas estamos uns com os outros e mais nada.

Grato estou pelo silêncio do olhar que diz mais que mil imagens.

Obrigado.

O rio corre em silêncio na sua meditação tranquila e não precisa de falar com ninguém.

As árvores crescem quase que eternamente em silêncio
Apenas o vento as vem provocar
mas o resultado é pouco.

A natureza manifesta-se no silêncio
cresce sem dizer, eu estou aqui.

E não precisa.

As nuvens passam voando e sem ruído

Dizendo que o céu é igual à terra

E que o silêncio tudo faz mover.

Obrigado.

Obrigado pelo silêncio que faz a música
Pois não são as notas que fazem a música
Mas os silêncios.

Obrigado.

É no silêncio da noite

Que nascem as ideias mais elevadas

As palavras mais nobres

As mais belas meditações.

Do muito que poderia dizer-vos meus irmãos e minhas irmãs

fica o mais importante.

fica o meu silêncio.

Este que se fez aprendiz.

A.A.F.

R.:L.: *Liberalitas*

Poesia Iniciática

Onde quer que possas estar,
Onde quer que te detenhas a meditar,
Seja longe, em terras estranhas,
Ou simplesmente no lar, doce lar,
Sempre sentes um grande prazer,
Que faz vibrar as cordas do coração,
Apenas em ouvir a fraterna saudação
“Vejo que tens viajado muito, Irmão!”

Quando recibes a saudação do Irmão
E ele te toma pela mão
Isso comove-te e toca-te no íntimo,
Numa emoção incontida, por demais profunda.
Sentes que aquela união de Irmãos,
Que é um anseio da humanidade inteira,
Que se realiza no estender das mãos
E na voz a dizer fraternalmente:
“Vejo que tens viajado muito, Irmão”

E se és um estranho,
Solitário em estranhas terras,
Se o destino te deixou derreado,
Batido e à beira da morte, longe do lar,
Não há sentimento mais completo
Que aquele que te sacode sob a saudação
“Vejo que tens viajado muito, Irmão”

E quando chegar, finalmente, tua derradeira hora,
O momento de empreender a mais longa das viagens,
Revestido do branco avental de cordeiro
E sob a escolta dos Irmãos que já passaram,
O Cobridor da Porta de Ouro,
Com Esquadro, Régua e Prumo
Pedir-te-á a Palavra de Passe
E dir-te-á, então,
“Passa. Vejo que tens viajado muito, Irmão”

Autor desconhecido, Or.: Montana, EUA



Preceito Maçónico

"Não julgues ao de leve as acções dos outros; louva pouco e censura ainda menos; lembra-te de que para bem julgar os homens é preciso sondar as consciências e prescutar as intenções."

Esta edição do Boletim Informativo foi escrita com a antiga ortografia, por decisão do C.:.N.:.

Editora de Publicação:

Maria de Fátima Pires – Pres.: do C.:. N.:

Grupo de Publicação:

Ricardo Freitas - R.: L.: Fraternidade
Manuel Garrido - R.: L.: Athanor
Maria João Figueira - R.: L.: Liberalitas
Hugo Gomes - R.: L.: Gaia

Colaboração:

A.A.F. - R.: L.: Liberalitas

**Contacto para sugestões e
colaborações:**

comunicacaofpdh@gmail.com

Na Capa:

Fachada do edifício da sede em Lisboa, onde teve lugar a Convenção Nacional de 2012

**A ORDEM MAÇÓNICA MISTA INTERNACIONAL
“LE DROIT HUMAIN”
EM PORTUGAL**

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN teve duas fases da sua existência em Portugal.

A primeira fase histórica na 1ª República foi liderada pela Dra. Adelaide Cabete, insigne lutadora pela causa da Igualdade entre o Homem e a Mulher, Venerável Mestre de uma Loja feminina, a Loja Humanidade, dentro da então estrutura do GOLU. Retirou-se do mesmo, ao ser-lhe exigido que ficasse mas como Loja de Adopção, isto é, sem os plenos direitos que antes detinha em igualdade com as Lojas masculinas, e pediu a admissão na nossa Ordem.

Após a admissão, criou outras Lojas dando assim origem à Jurisdição Portuguesa de que foi Presidente.

Após a Revolução de 28 de Maio de 1926, com a instauração do Regime ditatorial do Estado Novo o Direito Humano desapareceu em Portugal.

Em 1980 um grupo de profanos de Lisboa foi iniciado e constituiu uma nova Loja a que deu o nome de "Humanidade" em homenagem à criada em 1923, dando início a um novo ciclo.

Em 1983 foi criada no Porto a Loja "Fraternidade".

Em 1984 a Loja "Athanor" em Lisboa.

Em 2000 a Loja "Liberalitas" em Évora.

Em 2002 a Loja "União" em Alcobça.

Em 2003 a Loja "Gaia" em Vila Nova de Gaia e a Loja "Adelaide Cabete" em Braga.

E em 2011 a Loja "Estrela da Manhã" em Aveiro.

Existem, ainda três ateliers de Altos Graus: uma Loja de Perfeição "Sete Colinas", um Capítulo "Rosa Lusitana" e um Areópago "Porto do Graal".

